

No princípio era

por Juliana Pautilla



Texto produzido para ateliê aberto
da Residência Fluxa, na Casa da Pau - Brasil.

No princípio era¹

Por Juliana Pautilla²

Foi a carne que se fez verbo. A carne nessas obras-experimentos são verbo e espírito e delírio. O corpo, sempre o corpo, que materializa o espírito ou que é passagem ou decomposição. Uma coisa dentro da outra, uma residência dentro de uma residência, uns artistas dentro de uma sala, uns artistas comendo e conversando e produzindo epifanias provisórias.

Início da última temporada da Residência Fluxa:

*Isabella Lescure*³, a primeira residente que chegou na casa, traz um ímpeto de produtividade imensa, acorda, e pinta todo dia, sobrepondo líquens, bactérias, plásticos e tintas, evocando a crença no animismo, reproduzindo fluorescentes que impregnam nossa retina cinzenta. Imagino, só imagino, Isa no fundo mar, o mar de Niterói, e lá no fundo ela olha pra cima e vê os raios de sol que iluminam as profundezas das plantas coloridas e flutuantes. Ela caminha no mundo como quem mergulha.

*Camila Felix*⁴ chegou na casa três dias depois carregando um vaso com uma planta de estimação, um vaso de alfazema, dizendo, “lá ela podia morrer, preciso regar todo dia”.

¹Texto produzido para ateliê aberto da Residência Fluxa. Dezembro de 2021.

²Atua profissionalmente na clínica psicanalítica e no campo das artes. Graduada em Música/UEMG (2013), mestra em Artes Cênicas/UFGM (2014), especialista em Análise de Movimento/Faculdade Angel Vianna (2015). Percurso psicanalítico: esquizoanálise e filosofia da diferença no Núcleo de Subjetividades da PUC-SP (2022-atual). Estudos freudianos, trauma e violência de estado na REM - Rede para Escutas Marginais (2022-23). Arte e fundamentos psicanalíticos na ALCEP - Associação Livre Centro de Estudos em Psicanálise (2023-2024). Formação continuada em grupos de estudos, entrelaçando arte, psicanálise, esquizoanálise, colonialidade. Faz gestão de residências artísticas e acompanhamentos artísticos desde 2019, através do Programa Pororoca.

³A urgência da artista Isabella Lescure consiste em compreender e esmiuçar conexões, orquestrando construções plásticas que repensam relações humanas, eventos e imagens do cotidiano. Comprometida com pesquisa, experimentações poéticas e técnicas que atravessam uma ampla diversidade de linguagens e procedimentos, os seus trabalhos estão localizados numa espécie de zona múltipla de atuação: entre a instalação, a pintura, o bordado e a performance.

⁴Praticante de antropologia, pesquisadora, professora no ensino médio da rede estadual. Escreve, fala e caminha como se a arte pudesse tornar a existência extra ordinária. Admira, observa e participa de pequenos movimentos sociais, naturais e culturais. Tem fé no escuro e no silêncio, assim como nos entes queridos, presentes e futuros. Quando possível cuida de plantas e casas, gosta de ser amiga de crianças e já teve um gato preto chamado Caipora.

Achei que era um presente, mas não, era presença. Melhor ainda. Ela chega com vontade de performar para além da sua função professora-antropóloga-socióloga, quer criar uma escrita de memória de si, dos seus, uma geografia de suas próprias emoções. Na lida diária, com destino sem meta, escreve e nos presenteia com uma leitura-performance que toca em imagens profundas, um senso crítico de si no mundo, que a arte-corpo permite atravessar. As palavras recortadas por imagens de perdas, das pesquisas de campo e outras performances, assim, de maneira leve e firme, ogum, rio e 10 de espadas, ela faz uma dobra no que poderíamos chamar de uma etnografia clássica, e mistura a si mesma ao olhar o outro. Indaga sobre a própria pesquisa o tempo todo, e isso é a força da sua vida-espírito.

*Lucas Brandão*⁵, chegou chegando através de outro projeto da Isabella na casa, uma residência dentro de uma residência, a Germinadora de Arte Argyridis. Lucas ocupou o ateliê da Isa nos momentos em que ela não estava. E assim ele se juntou ao bonde, e estava na casa três vezes na semana. Como ele mesmo diz, seu trabalho aqui foi afetado pelas convivências com Camila e Isa, e ele se permitiu a pintura, o desenho e o aprofundamento na sua própria investigação exu-exo-eixo. Escrita-desenho, outras escritas, outros desenhos. Provisoriamente penso assim: Lucas aponta um eixo fora do eixo, um esqueleto-máquina despedaçado que desafia as normas gênero-sexualidade-identidade repetidamente impregnadas. Nesse misto de querer ser não-ser, as cobras o protegem.

Abrimos o ateliê para finalizar a temporada da Residência Fluxa e para vocês conhecerem mais os processos dos artistas. Experimentamos uma vivência coletiva de desenhos e de conversas abertas. Assim, você, cada pessoa que chega como espectador e visitante, agora se torna cúmplice dessa criação.

⁵Nasceu na zona leste de São Paulo, na mesma casa onde seus avôs se fixaram há mais de 60 anos. É artista visual/poético, graduando em artes visuais, contribuiu em revistas de literatura e artes visuais, seu trabalho se interessa pelo ao redor, pelas imagens/textos que nos rodeiam às vezes de forma sutil, às vezes de forma violenta. Também trabalha sobre a própria experiência e memória e com as dinâmicas que surgem ao relacionar o seu corpo e sua identidade com o meio em que está inserido. Gosta de mar e da estrada e de entulho e de silêncio.